

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

LECI KAUFMANN

**DEMANDAS DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE DOM
PEDRITO – RS SOBRE O TEMA: SEXUALIDADE**

**Dom Pedrito
2017**

LECI KAUFMANN

**DEMANDAS DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE DOM
PEDRITO-RS SOBRE O TEMA: SEXUALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências da Natureza da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Ciências da Natureza.

Orientador: Fernando Albuquerque Luz

**Dom Pedrito
2017**

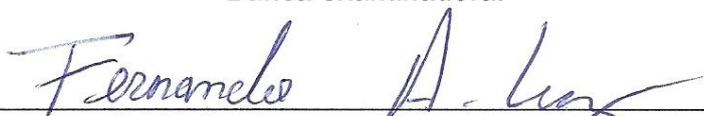
LECI KAUFMANN

**DEMANDAS DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE DOM
PEDRITO-RS SOBRE O TEMA: SEXUALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Curso de
Licenciatura em Ciências da Natureza da
Universidade Federal do Pampa, como
requisito parcial para obtenção do Título de
Licenciado em Ciências da Natureza.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 17 de novembro
de 2017.

Banca examinadora:



Prof. Me. Fernando Albuquerque Luz

Orientador
UNIPAMPA



Prof.^a Dr.^a. Crisna Daniela Krause Bierhalz

UNIPAMPA



Prof.^a Dr.^a. Suzana Cavalheiro de Jesus

UNIPAMPA

Dedico este trabalho a meus filhos e a meus pais, que muito me auxiliaram durante o período como acadêmica, e também a todos que me incentivaram a persistir no meu objetivo, que é a conclusão do curso.

AGRADECIMENTO

Agradeço aos meus pais pela vida, pela educação e apoio em todas as fases e decisões da minha vida e por entenderem, eu não estar presente e visitá-los somente nas férias.

A meus professores que muito colaboraram na minha formação, cada um de uma forma específica, com suas qualidades e bons exemplos.

Aos colegas de curso, aos quais fizeram parte dessa etapa tão importante na minha vida, cada um teve um papel significativo na minha formação, sempre aprendendo e partilhando saberes, vou levar cada um no meu coração. Em especial os da “roda do chimarrão” as “Cíntias”, Lizi, Vítor e a Quelen, sem vocês a trajetória acadêmica não teria sido tão surpreendente.

Meu agradecimento especial ao orientador Fernando Albuquerque Luz, pelo exemplo de profissional competente, que com serenidade, disposição e alegria contagiante, sempre presente para me auxiliar, combinando uma excelente orientação acadêmica com carinho, incentivo e amizade. Obrigada pelos ensinamentos e por não permitir que o estresse tomasse conta de mim.

A minha colega Cíntia Tiburski, pela amizade, pelo incentivo, pela paciência, pelo apoio incondicional. Uma vez li em algum lugar: “existem amigos que são mais queridos do que um irmão”: e você é prova disso.

As diretoras das escolas e suas professoras de Ciências, profissionais dedicadas, bem como à sua atuante equipe pedagógica por facilitarem imensamente o meu trabalho de coleta das informações, essenciais para o meu trabalho.

Aos estudantes, que concordaram em responder o questionário, para que eu pudesse avaliar este instrumento de coleta de informações.

Finalmente vou agradecer aos meus filhos, Alex e Micheli, que graças à torcida de vocês estou aqui na reta final do curso, ao Alex por ter me acompanhado nesta aventura, mudar de cidade, estudar, deixando amigos e familiares, longe. A Micheli que mesmo de longe sempre se fez presente, apoiando-me em todos os momentos, até nos mais difíceis dessa jornada. Registro meu amor e gratidão.

Este trabalho só foi possível porque muitas pessoas estenderam as mãos para mim. Pessoas que, de alguma forma, estiveram comigo durante os cinco anos em que cursei a Graduação de Licenciatura em Ciências da Natureza.

"Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes" (Martin Luther King).

RESUMO

A sexualidade é um tema que é de grande importância para ser abordado no ambiente escolar e a Educação Sexual é um anseio e um direito dos adolescentes em idade escolar podendo auxiliar na sua formação, tornando-os críticos e conscientes de seus direitos e deveres. O objetivo dessa pesquisa foi compreender como os alunos gostariam que o tema sexualidade fosse abordado dentro da escola. A justificativa desta pesquisa está relacionada com a dificuldade de abordagem da educação sexual no âmbito escolar. A partir dessas dificuldades, tem-se a necessidade de investigar as dúvidas e os assuntos que os alunos gostariam de aprender sobre o tema sexualidade durante as aulas. O trabalho teve como público alvo 155 estudantes, em três escolas da rede pública de ensino da cidade de Dom Pedrito- RS. A pesquisa se caracteriza metodologicamente como qualitativa e quanto aos objetivos como explicativa, quanto aos procedimentos técnicos adotados será o levantamento, para a coleta dos dados foi elaborado um questionário estruturado com perguntas abertas e fechadas. Percebeu-se que os alunos pesquisados não compreendem o conceito de sexualidade, relacionando-o com sexo e o gênero de cada indivíduo. Além disso, os alunos têm curiosidades sobre variados temas, como a adolescência, namoro, formas de evitar a gravidez, relações sexuais. Quanto à forma de tirarem dúvidas sobre a temática, a internet foi a mais citada, enquanto que, o professor e a equipe diretiva, não foram mencionados, o que revela um dado preocupante, já que é na escola que os alunos passam o maior tempo e deveria ser neste espaço que o mesmo deveria ter acesso a estas informações. Verificou-se também, que as escolas abordam a temática, geralmente, através de palestrantes da área da saúde. Sendo assim, a Educação Sexual não pode limitar-se somente ao biológico, é fundamental que debatam aspectos gerais da sexualidade humana, que compõem a base para uma vida sexual saudável e prazerosa. Para que toda e qualquer iniciativa de educar sexualmente seja funcional, é necessário que os professores tenham fortalecido em si a atitude de reconhecimento de que é função da escola e assim abordar a sexualidade com outro viés, procurando contemplar os diversos campos de conhecimento e que as informações sejam contextualizadas com a realidade e o interesse dos alunos.

Palavras-Chave: Adolescência. Educação sexual. Namoro. Tabu.

ABSTRACT

Sexuality is a topic of great importance to be addressed in the school environment and Sexual Education is a desire and right of adolescents of school age who can help in their formation, making them critical and aware of their rights and duties. The purpose of this research was to understand how students would like the subject sexuality to be approached within the school. The justification of this research is related to the difficulty of approaching sex education in school. From these difficulties, it is necessary to investigate the doubts and the subjects that the students would like to learn about the topic sexuality during the classes. A total of 155 students were enrolled in three public schools in the city of Dom Pedrito, RS. The research is characterized methodologically as qualitative and as for the objectives as explanatory, the technical procedures adopted will be the for the data collection a structured questionnaire was elaborated with open and closed questions. It was noticed that the students studied do not understand the concept of sexuality, relating it to gender and the gender of each individual. In addition, students have curiosities on various topics, such as adolescence, dating, ways to avoid pregnancy, intercourse. As for the way to raise doubts about the subject, the internet was the most cited, while the teacher and the directive team were not mentioned, which reveals a worrying fact, since it is in the school that students spend the longest time and it should be in this space that it should have access to this information. It was also verified that the schools approach the subject, generally, through lecturers of the health area. Therefore, Sexual Education cannot be limited to biological only, it is fundamental that they debate general aspects of human sexuality, which form the basis for a healthy and pleasurable sexual life. In order for any initiative to sexually educate to be functional, it is necessary that teachers have strengthened in themselves the attitude of recognition that it is the function of the school and thus approach sexuality with another bias, trying to contemplate the various fields of knowledge and that the information are contextualized with the reality and the interest of the students.

Keywords: Adolescence. Dating. Sex education. Tabu.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Porcentagem de sujeitos que responderam à questão 1, “ <i>O que é sexualidade para você</i> ”	24
Tabela 2 – Porcentagem de sujeitos que responderam a questão 2, “ <i>Você tem dúvidas sobre assuntos relativos ao tema Sexualidade</i> ”?	27
Tabela 3 – Porcentagem de sujeitos que responderam a questão 3, “ <i>com quem você consegue falar sobre Sexualidade com liberdade ou confiança</i> ”?	28
Tabela 4 – Resultado das respostas para a questão quatro. “ <i>Quem que você gostaria que tirasse suas dúvidas sobre Sexualidade na escola</i> ”?	29
Tabela 5 – Relativa a pergunta: “ <i>Você se sente confortável em debater este tema em sala de aula</i> ”?	31
Tabela 6 – Porcentagem de sujeitos que responderam cada opção. Separados por ano e também por sexo, além dos valores gerais	32
Tabela 7 – Porcentagem de respostas relativas a questão 7 “ <i>Como você ficou sabendo pela primeira vez sobre algum dos assuntos da pergunta anterior</i> .”	36
Tabela 8 – Respostas referentes a questão 8.....	37
Tabela 9 – Categorização utilizada na análise sobre a questão 9	38

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ECOS- Estudos e Comunicação em Sexualidade

DST- Doenças Sexualmente Transmissíveis

MEC – Ministério da Educação e Cultura

OMS- Organização Mundial da Saúde

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PIBID- Programa Institucional de Iniciação a Docência

TCLE- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIPAMPA- Universidade Federal do Pampa

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA	15
2.1	Histórico Da Educação Sexual No Brasil	15
2.2	Ensino da Sexualidade na Escola	16
2.3	Estudos de Educação Sexual focados nas dúvidas dos alunos	18
3	METODOLOGIA	20
3.1	Classificando a Pesquisa	20
3.2	Coleta de Dados	21
3.3	Análise de Dados	22
4	APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS	24
4.1	Questão 1	24
4.2	Questão 2	26
4.3	Questão 3	27
4.4	Questão 4	29
4.5	Questão 5	30
4.5	Questão 6	31
4.6	Questão 7	36
4.7	Questão 8	37
4.8	Questão 9	38
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
	REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

Educação sexual é um processo de aquisição de informação sobre o corpo, a sexualidade e o relacionamento sexual, formando atitudes e opiniões, refletindo seus próprios valores sobre tudo que é ligado ao sexo. Como expressa Figueiró (2006), a educação sexual aborda as dimensões biológicas, sociocultural e psicológica da sexualidade a partir do domínio cognitivo, afetivo e comportamental, que inclui as competências para comunicar de forma eficaz e tomar decisões responsáveis.

Para Azevedo (1988) e Duarte (1995), a sexualidade humana é imprescindível na formação do indivíduo, e se desenvolve desde o nascimento até a morte, devendo ser moldada com critérios formativos. Sendo assim, percebe-se que no ambiente escolar ela deve ser debatida, para assim poder levar informação para as pessoas.

É de importância fundamental a interação do ambiente escolar e familiar em prol do processo construtivo dos alunos em relação à Educação Sexual e na preparação dos mesmos como futuros cidadão formadores de opiniões próprias diante da sociedade erradicando os estereótipos e mitos existentes (FIGUEIRÓ, 2001).

O interesse pela temática da sexualidade surgiu a partir do ingresso da pesquisadora como bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) subprojeto Ciências da Natureza da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA *campus* Dom Pedrito/RS. Na época, a direção da escola solicitou que os pibidianos trabalhassem Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e a Gravidez na Adolescência, pois algumas alunas estavam afastadas por estarem grávidas no educandário, os alunos estavam em idade de namoros e os professores não se sentiam confortáveis em trabalhar esta temática e geralmente chamavam uma enfermeira para dar uma palestra sobre o assunto. A partir dessa demanda, foi elaborado oficinas pedagógicas sobre os temas.

A partir dessas experiências, percebi que os educandos possuem muitas dúvidas sobre sexualidade e, por vezes, sentem-se envergonhados e acanhados para esclarecê-las. Tais ações, fizeram-me lembrar da minha adolescência, pois – assim como eles – também tinha muitas dúvidas e curiosidades sobre a temática. O auge da minha adolescência foi nos anos 80, época em que a legislação declarava que a discussão sobre sexualidade era dever exclusivo da família. O assunto era um tabu, pois a escola não o abordava, e eu também não perguntava para as minhas amigas, muito menos, para meus pais. Com o passar dos anos, a temática foi expandindo-se

e, atualmente, está amparada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que sugere que se seja abordada de forma transversal, mas infelizmente, isso ainda não acontece como deveria.

Neste sentido, a justificativa desta pesquisa está relacionada com a dificuldade de abordagem da educação sexual no âmbito escolar. Alguns professores não se sentem aptos e nem preparados para discutir o tema. E o fato de abordarem somente o aparelho reprodutivo, nas aulas de Ciências, não desperta o interesse dos alunos e nem esclarece as suas dúvidas relacionadas à sexualidade. A partir dessas dificuldades, tem-se a necessidade de investigar as dúvidas e os assuntos que os alunos gostariam de aprender sobre o tema durante as aulas.

As dificuldades dos professores em trabalharem a educação sexual têm sido evidenciadas em vários estudos, como os de Piassetim (2009), Garcia (2005), Bomfim (2009), dentre outros. A bibliografia na área tem apontado que esta prática se fundamenta em vários motivos, tais como: timidez, insegurança, falta de preparo advindas na formação docente e a concepção de que o tema deve ser tratado unicamente pela família.

Esses motivos podem estar relacionados ao fato de não saber ao certo o que os alunos devam e querem aprender sobre este assunto. Partindo da temática sobre o olhar do aluno, surgiram os objetivos deste trabalho de conclusão de curso, que de forma geral buscou:

- Compreender como os alunos gostariam que o tema sexualidade fosse abordado dentro da escola;

E especificamente, visou-se:

- Analisar como os alunos esclarecem suas dúvidas sobre sexualidade.
- Investigar quais as maiores dúvidas e curiosidades referente à sexualidade.
- Verificar se os alunos preferem aprender assuntos relacionados a sexualidade com os professores ou profissionais na área da saúde, assim como se se sentem à vontade com a discussão do tema na sala de aula.

Para este estudo foram criadas as seguintes hipóteses:

H1: Possivelmente os educandos não possuem um entendimento correto sobre o conceito de sexualidade, confundindo-a ou resumindo-a ao ato sexual ou as questões de gênero.

H2: Os alunos, possivelmente, irão elencar as relações sexuais, virgindade e namoro como os principais temas a serem trabalhados em sala de aula, pois é na adolescência que se inicia a descoberta sexual.

H3: Por ser uma mídia de fácil acesso, a internet é o principal meio pelo qual os educandos tiram as dúvidas relacionadas a sexualidade.

Neste sentido, com base nos objetivos essa pesquisa caracteriza-se como explicativa, tendo abordagem de natureza qualitativa e classificando-se proceduralmente como um levantamento (GIL, 2002). Utilizou-se como instrumento de pesquisa um questionário, onde empregou-se questões abertas e fechadas, tendo como *lócus* três escolas da rede pública no município de Dom Pedrito, Rio Grande do Sul. Teve dois grupos de sujeitos: os alunos do 7º ano do ensino fundamental (que ainda não tiveram aula sobre sexualidade na escola) e os alunos 9º ano (que já deveriam ter tido aulas sobre o referido assunto). No total, foram 155 questionários respondidos, tendo em média 25 a 30 sujeitos em cada turma pesquisada.

O trabalho de pesquisa está organizado em 5 capítulos, incluindo a introdução, na qual, apresenta-se a pesquisa, a temática, os objetivos, a justificativa e as hipóteses.

No segundo capítulo, apresenta-se os referenciais teóricos que embasaram e norteiam esta pesquisa, dividindo em 3 subcapítulos: o histórico da Educação sexual no Brasil; o ensino da sexualidade na escola; estudos de educação sexual focados nas dúvidas dos alunos.

O terceiro, apresenta a metodologia da pesquisa quanto a sua natureza, objetivos e procedimentos técnicos utilizados. Além disso descreve os sujeitos e o método de coleta dos resultados e suas respectivas análises. No quarto capítulo discute-se os resultados encontrados nesta pesquisa.

Por fim, nas considerações finais, retomam-se os objetivos da pesquisa, confirmando ou refutando as hipóteses criadas. Ainda nesse capítulo, indica-se a relevância da pesquisa e a indicação de trabalhos futuros.

2 CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo apresentaremos a literatura utilizada para dar suporte a este trabalho de conclusão de curso. Trataremos aqui de três principais aspectos da pesquisa, que correspondem a três subcapítulos, são eles: Histórico da Educação Sexual no Brasil; Ensino da Sexualidade na Escola; Estudos de Educação Sexual focados nas dúvidas dos alunos do Ensino Fundamental.

2.1 Histórico Da Educação Sexual No Brasil

A sexualidade sempre foi assunto de interesse e curiosidade, e a inserção da educação sexual na escola é o resultado de discussões de décadas na história da educação brasileira e vem se intensificando nos dias atuais. Os registros datam da década de 20, onde se iniciou, ainda que de forma tímida, alguma preocupação com a educação sexual no campo da educação escolar. Pois era necessário que o indivíduo conhecesse a fisiologia sexual nos moldes do discurso higienista e essa educação tinha como objetivo combater a masturbação, as doenças venéreas, e por outro lado preparar a mulher para exercer o papel de esposa e mãe, procurando assegurar a saudável reprodução da espécie (SAYÃO, 1997).

Nos anos 30 a discussão sobre educação sexual eclodiu na escola num momento em que a sífilis fazia numerosas vítimas. Porém entre as décadas de 40 até a década de 60 houve uma mudança nessa concepção, que foi a de negação, ocultamento, proibição e obsessão em relação ao sexo (SAYÃO, 1997).

Retornou ao currículo escolar a partir da década de 60. Entretanto, todas as experiências de educação sexual foram reprimidas e suprimidas pela ditadura militar e sob forte influência da igreja católica que valorizava uma educação moralista, pois a mesma preocupava-se em reprimir os desejos sexuais e pregava contra o pecado e a promiscuidade. O país passou a ter uma imagem moralista, puritanista e embasada no medo, censura e repressão (SAYÃO, 1997).

Entre as décadas de 1970 e 1980 as discussões sobre gênero e feminismo ganham destaque como parte de um projeto escolar. A educação se afirmou nas bases das lutas pela redemocratização do Brasil e, nesse momento, a educação sexual foi retomada como uma reivindicação importante do movimento feminista brasileiro (GAGLIOTTO *et al*, 2014).

Em 1971, as Diretrizes e Bases da Educação Brasileira começaram a promover programas de saúde escolares, nos quais a sexualidade era discutida, essencialmente, para prevenir a gravidez na adolescência e as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST). Em 1976, a posição oficial Brasileira afirma ser a família a principal responsável pela educação sexual, podendo as escolas, inseri-la ou não nos currículos escolares (BRASIL, 1998).

Na década de 80, o foco de atenção voltou-se para a prevenção do HIV/Aids. Atribuiu-se à escola a função de contribuir na prevenção dessa doença e dos casos de gravidez na adolescência. No início dos anos 90, a escola foi fundamental para a veiculação de informação na prevenção dessa doença e dos casos de gravidez na adolescência.

No fim dos anos 90, uma abordagem mais positiva foi implantada através dos PCN, que oferecem diretrizes mais claras às políticas para a educação referente ao ensino fundamental. Sendo assim, a Educação Sexual, além de se tornar transversal se torna também um assunto de grande importância na sala de aula. Como fica evidente nos PCN (Brasil, 1998) que o papel da escola é transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, colaborando para o desenvolvimento de atitudes e valores baseados nos direitos humanos, nos relacionamentos de igualdade, no bem-estar social e no respeito entre as pessoas.

2.2 Ensino da Sexualidade na Escola

A educação sexual, denominada orientação sexual por vários autores e pelos PCN, deve ser intencional, estruturada e sistematizada, para fornecer adequadamente informações sobre sexualidade (Brasil, 1998).

Os termos educação sexual e orientação sexual geralmente são confundidos até pela sua semelhança, mas elas são diferentes na sua conceituação, sendo assim é necessário diferenciá-los.

Educação Sexual é um conjunto de informações desenvolvidas de forma assistemática sobre a sexualidade. Esse processo não é intencional, e envolve toda a ação exercida sobre o indivíduo no seu cotidiano. Surge na família e em outros grupos onde o ser humano convive (OLIVEIRA e MORGADO,2008).

Já a Orientação sexual que é um processo de intervenção sistematizado, planejado e intencional, promovendo o espaço de acolhimento e reflexão das dúvidas,

valores, atitudes, informações, posturas contribuindo para a vivência da sexualidade de forma responsável e prazerosa, é intencional (OLIVEIRA e MORGADO,2008).

Segundo os PCN a Orientação sexual abrange o desenvolvimento sexual compreendido como: saúde reprodutiva, relações interpessoais, afetividade e imagem corporal, auto estima e relação de gênero (BRASIL, 1998).

Neste trabalho empregar-se-á o termo educação sexual, pois é o termo que vem sendo utilizado com mais frequência na literatura específica, como Werebe (1998), Figueiró (1996, 2001), Guimarães (1995), continuam utilizando o termo educação sexual, em seus trabalhos.

Se por um lado o termo educação sexual está “desgastado”, visto que, por muito tempo, representou um ensino com enfoque biologista, pautado pela moralidade e normatização, por outro, o termo orientação sexual não é totalmente aceito, sobretudo pelo fato de gerar confusão, uma vez que este termo também é utilizado pelos autores para designar a relação entre o desejo e a prática sexual, referindo a como homossexualidade, heterossexualidade ou bissexualidade, (ROCHA, 2015).

A educação sexual deve começar em casa, mas a escola tem compromisso com a formação integral do ser humano e a sexualidade é parte importante dessa formação (LEÔNICIO, 2013). Mesmo sabendo que as orientações devam começar em casa este ponto ainda é um problema, Amorim e Freitas (2013) ressaltam que muitas vezes os pais não assumem o papel de orientadores e recai a responsabilidade para as instituições escolares. Isso acontece por os pais acreditarem que os professores estão melhor preparados para tratarem este assunto (CARVALHO *et al*,2012).

Deste modo, torna-se um problema, pois é um assunto de fundamental importância a ser discutido. Como diz Franzão *et al*, (2013) é justamente nessa fase que os adolescentes no auge de suas descobertas, estão cheios de dúvidas e curiosidades e é nesse momento que o professor deve posicionar-se para responder os questionamentos e não inseguramente evitá-los.

Por outro lado, os professores nem sempre se sentem confortáveis em trabalhar esta temática em sala de aula, ficando assim o tema esquecido, e os mesmos acabam trabalhando somente os aparelhos reprodutivos nas aulas de Ciências. Segundo Kindel (2008) ao ensinar sobre o Sistema Reprodutor dando ênfase apenas aos órgãos do sistema masculino e feminino e à reprodução em si, como se a sexualidade estivesse restrita à sua dimensão biológica, excluem-se outras explicações e outras formas de sexualidade como se não fossem também naturais.

Neste sentido por exemplo, Maistro et al. (2009), evidenciam que a abordagem da sexualidade nas escolas não passa de uma visão reducionista do corpo desvinculada da realidade do aluno. De acordo com os autores, a educação sexual, quando abordada nas escolas, na maioria das vezes, se reduz a uma perspectiva higienista, que reduz o corpo aos conceitos de assepsia, controle e prevenção; e ao mero aprendizado biológico e anatômico do corpo reforçando a ideia da sexualidade ligada à reprodução.

A educação sexual não pode ser evitada em sala, pois como está documentado nos PCN, Ministério da Educação e Cultura (MEC, 1998) a sexualidade faz parte da vida de todo mundo expressando-se desde o nascimento até a morte. A escola tem como meta não somente abranger a aquisição do conhecimento e habilidades básicas das funções reprodutivas e sim preparar a pessoa para a vida, no desenvolvimento da sua personalidade e maturidade psicoemocional, tornando-a responsável com a valorização da vida e com os direitos humanos.

Além disso de acordo com Gonçalves *et al*, (2013), educar sexualmente consiste em oferecer condições para que as pessoas assumam seu corpo e sua sexualidade com atitudes positivas, livres de medo, preconceitos, culpas, vergonha, bloqueios ou tabus. Conforme os Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana (ECOS, 2001), a educação sexual deve ser entendida como um direito que as crianças e/ou adolescentes tem de conhecer seu corpo e ter uma visão positiva da sua sexualidade e de manter uma comunicação clara em suas relações; de ter pensamento crítico de compreender seu comportamento e do outro.

2.3 Estudos de Educação Sexual focados nas dúvidas dos alunos

A problemática em relação ao tema como podemos constatar, está bem clara na literatura. Mas poucas pesquisas tentam abordar o que os alunos querem saber sobre educação sexual. E não o que eles deveriam saber ou quais dificuldades de se tratar o tema em sala de aula.

Nesse sentido, poucos estudos abordam o lado do aluno. Amorim e Freitas (2013) pesquisaram sobre o interesse dos alunos quanto a sexualidade, os sujeitos da pesquisa foram 30 alunos com idades entre 14 a 18 anos da 8ª série da Educação de Jovens e Adultos, no estado do Pará, nesta pesquisa os autores colocaram 17 opções de temas abordados na educação sexual, para que assinalassem os de maior

interesse para abordar em sala de aula, tais como: como e quando iniciar a vida sexual, sobre as DST, abuso sexual, virgindade, namoro, sistemas reprodutores, higiene íntima, entre outros. Neste estudo foi verificado que entre os temas de maior interesse está o início da vida sexual e as DST, e os de menor interesse: o namoro e a higiene íntima.

Amorim e Freitas (2013) partindo das análises feitas concluem que mesmo umas temáticas comumente abordadas em sala de aula, como as DST, merecem mais atenção e aprofundamento, e temas como o abuso sexual, prazer e relações sexuais devem ser incluídas em sala de aula, pois as curiosidades dos alunos vão além do biológico.

Amorim e Maia (2012) realizaram uma pesquisa para investigar as dúvidas dos estudantes referentes ao tema sexualidade, com 20 alunos com idades entre 12 anos a 15 anos do 7º ano de uma cidade do interior paulista, utilizaram um questionário com 9 questões abertas e fechadas, mas não especificaram as perguntas abordadas. Como resultados, a pesquisa apontou que gostariam de saber mais sobre gravidez e como preveni-la, bem como sobre DST e resposta sexual. Além disso, os alunos acham importante a abordagem do tema, principalmente os de cunho biológico e vale destacar que na pesquisa nenhum sujeitos citou a escola ou a figura do professor como uma fonte de informação ou um local onde podem esclarecer suas dúvidas.

Desta forma torna-se importante investigar o interesse dos alunos e assim focar nas reais demandas que os mesmos tem e assim promover uma abordagem mais coerente à realidade, já que é de direito receberem os esclarecimentos necessários na educação sexual.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo apresenta-se a metodologia da pesquisa, quanto a sua natureza, objetivos e procedimentos utilizados para chegar-se ao resultado. Além disso descrevemos os sujeitos da pesquisa, e o método de coleta dos resultados e suas respectivas análises.

3.1 Classificando a Pesquisa

Segundo Gil (2002), pesquisa é definida como um “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados”.

A abordagem do problema desta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, que segundo Gil (2002) considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas neste processo.

Quanto aos objetivos é uma pesquisa explicativa conforme Gil (2002) que têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Por isso mesmo é o tipo mais complexo e delicado, já que o risco de cometer erros aumenta consideravelmente.

Classifica-se da pesquisa quanto aos procedimentos técnicos levantamento caracterizado por Gil (2002) pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer, acerca do problema estudado mediante análise quantitativa, obterem-se as conclusões correspondentes aos dados pesquisados. Que tem como base uma amostra retirada numa determinada população, pela impossibilidade de analisar o todo.

Ressalta-se que os sujeitos entrevistados assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assim como a direção da escola e os professores da disciplina de Ciências. Também foi registrado em ata que a pesquisa foi realizada com os alunos, e divulgado aos pais no Conselho de Classe, onde as

entrevistas foram realizadas. Os entrevistados e as escolas não foram identificados na pesquisa.

3.2 Coleta de Dados

Para obter a resposta da pergunta, quais as *demandas dos alunos do ensino fundamental de Dom Pedrito sobre o tema: sexualidade*, utilizou-se como instrumento de pesquisa um questionário, onde empregou-se questões abertas e fechadas, este questionário foi aplicado em três escolas da rede pública no município de Dom Pedrito-RS. Participaram do estudo dois grupos de sujeitos, o primeiro, que de acordo com o currículo escolar, ainda não teve aula sobre Sexualidade na escola (7º ano do ensino fundamental) e outro grupo que já deveria ter tido aulas sobre o referido assunto (9º ano do ensino fundamental).

A amostra foi composta por 155 estudantes, sendo 74 alunos do 9º ano (36 do sexo masculino e 38 do sexo feminino) com idade de 14 a 17 anos, e 81 alunos do 7º ano (46 meninas e 35 meninos) com faixa etária compreendida entre 12 e 15 anos. Abaixo apresenta-se o questionário utilizado na coleta de dados dessa pesquisa.

Questionário

Idade: _____ Sexo: () Feminino () Masculino Ano: () 7º Ano () 9º Ano

1. O que é Sexualidade para você?

_____.

2. Você tem dúvidas sobre assuntos relativos ao tema Sexualidade?

() sim () não () mais ou menos

3. Com quem você consegue falar sobre Sexualidade com liberdade ou confiança?

() Pais () Amigos () Irmãos () Professores () Ninguém

4. Quem que você gostaria que tirasse suas dúvidas sobre Sexualidade na escola?

() Professor () Palestrante na área da saúde () Direção da escola

() Outra: Qual? _____

5. Você se sente confortável em debater este tema em sala de aula?

Logo para as questões fechadas usou-se tabelas e porcentagens feitas no Software Excel, para melhor compreensão dos mesmos foram analisados descritivamente.

O método de análise de conteúdo foi empregado visando organizar os dados e analisar os resultados obtidos, a partir de categorias identificadas por meio das respostas coletadas na pesquisa realizada. Segundo Bardin (2004), a análise de conteúdo, consiste num conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens. A análise foi conduzida por um olhar interpretativo dos dados seguindo os seguintes passos para a análise: 1) *Pré-análise*: leitura de materiais; 2) *Análise descritiva*: organização, categorização, identificação e comparação de idéias das respostas do questionário; codificaram-se as respostas com caracteres alfanuméricos A-1, A-2, A-3, A-17, sendo que a letra "A" relacionada à palavra aluno e o numeral é uma maneira de identificação para substituir o nome.

3) *Interpretação inferencial*: compreensão e interpretação das respostas às questões de pesquisa, verificação de contradições e, por fim, realização das conclusões.

A utilização desse método permitiu um maior número de dados, pois, ao responderem às questões abertas, pôde-se realizar uma análise mais profunda das opiniões dos sujeitos da pesquisa.

No início do questionário os alunos, apontaram a idade, o sexo e o ano de estudo e os mesmos não foram identificados.

Esses itens facilitaram na análise dos dados, já que as mesmas foram consideradas no (1) geral, ou seja, a soma de todos os sujeitos da pesquisa, (2) na categoria ano de estudo, são analisados os respectivos anos individualmente e (3) na categoria sexo, são analisados os do sexo masculino e do sexo feminino.

4 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresenta-se a análise dos dados obtidos na pesquisa. Para melhor organização e apresentação dos resultados, as questões foram discutidas separadamente.

4.1 Questão 1

A primeira questão: “*O que é sexualidade para você?*”, tinha como propósito observar se os alunos entendiam o conceito e o que se debate dentro do tema sexualidade. Dividimos através da análise de conteúdo as respostas em 5 categorias, são elas: não respondeu; respondeu errado; respondeu que é sexo; respondeu que é gênero; respondeu corretamente. Notou-se que 43,2 % dos alunos não responderam à questão, sendo 23,2% do 7º ano e 20 % do 9ºano. Como visualiza-se na tabela 1.

Tabela 1 – Porcentagem de sujeitos que responderam à questão 1, “*O que é sexualidade para você?*”

Categorias	Geral	Ano		Sexo	
		7º	9º	M	F
Não respondeu	43,2%	44,4%	42%	47,2%	39,7%
Respondeu errado	10,3%	7,4%	13,5%	9,4%	11,1%
Respondeu que é sexo	28,4%	35%	21,6%	29,7%	27,1%
Respondeu que é gênero	11,6%	11%	12,1%	10,8%	12,3%
Respondeu corretamente	6,5%	2,2%	10,8%	22,7%	9,8%

Fonte: autor (2017)

De acordo com os dados obtidos, notou-se que os alunos envolvidos na pesquisa, em sua maioria não sabe com exatidão o que é sexualidade, resumindo-a apenas a sexo ou às questões de gênero.

Na *categoria sexo*, evidenciada em 28,4% das respostas, foram englobadas aquelas em que os educandos aliam a sexualidade ao ato carnal, de coito, entre indivíduos de sexos diferentes – ou não – podendo este ser realizado como forma de prazer ou procriação. As respostas a seguir evidenciam essa categoria:

A7 – “Quando um homem e uma mulher tem relação e fazem sexo”.

A8 – “Pra mim e quando a pessoa faz sexo com uma pessoa”.

A9 – “É quando duas pessoas de sexos diferentes fazem sexo e que pode se procria”.

O dicionário Aurélio (2001) define que sexo é a conformação particular que distingue o macho da fêmea, nos animais e vegetais, atribuindo-lhes um papel determinado na geração e conferindo-lhes certas características distintivas ou como um conjunto de características anatômicas e fisiológicas.

Amaral (2007, p. 2) define a palavra sexo como um designo de gênero masculino e feminino “[...] servindo para uma distinção biológica entre homens e mulheres, a partir da qual se definem papéis e atribuições sociais, que variam conforme a cultura”. Por outro lado, a autora também relaciona a palavra “a qualquer atividade que resulte em sensação de prazer no corpo ou, mais especificamente, nos órgãos genitais do homem ou da mulher”, aproximando-se, portanto, da definição dos educandos.

Na *categoria gênero*, evidenciada em 11,6% das respostas, foram englobadas as que relacionaram sexualidade as diferenças morfológicas entre homens e mulheres (masculino e feminino) ou a orientação sexual e de gênero. Conforme trechos a seguir:

A23 – “Se é guri ou guria”.

A37 – “É algo que cada um é, e só devemos respeitar a escolha de cada um”.

A71 – “Define como feminino e masculino”.

De acordo com Cardoso (2008) e Jesus (2012) por gênero compreende-se a forma de um indivíduo se identificar, como homem ou como mulher. Logo, identidade de gênero, refere-se ao modo que o indivíduo se identifica com o seu gênero (como se reconhece): cisgênero (identifica-se com o sexo do nascimento) e transgênero (identifica-se com o sexo diferente do nascimento).

Já a orientação refere-se à atração sexual que o indivíduo sente: heterossexual (gosta do sexo oposto), homossexual (gosta do mesmo sexo), bissexual (gosta de ambos) e assexual (não sente desejo por nenhum).

A definição de sexualidade segundo Aurélio (2001) é a própria vida, num processo que vai do nascer ao morrer, evoluindo além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas e nossa cultura. Conforme corroborado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998), a sexualidade é entendida como algo inerente, que se manifesta desde o nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento, sendo formada ao longo da vida,

encontra-se basicamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos expressando-se com singularidade em cada sujeito.

A Organização Mundial de Saúde (OMS, 2002, p.6) define a sexualidade como:

“[...] um aspecto central do ser humano ao longo da vida e inclui o sexo, gênero, identidades e papéis, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução, é expressa através de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relações” (OMS, 2002, p. 6).

Neste sentido, a sexualidade pode ser influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais. Essa definição, frágil e pouco clara, é a mais utilizada. Desse modo, foram classificadas como corretas, as respostas que não se limitaram apenas a sexualidade como sexo e gênero, sendo evidenciada em 6,5% das respostas, conforme trechos a seguir:

A33 – “São todas as opções da questão 6”.

A65 – “Sexualidade para mim não é só o ato é sobre a opção sexual e tantas outras coisas tipo, menstruação, masturbação, namoro e tudo mais”.

A39 – “Acho que é aborto, abuso sexual, masturbação, e etc...”

Constatou-se, portanto, que a maioria dos alunos não possuem clareza sobre o que é sexualidade, demarcando a importância de trabalhar corretamente essa temática na sala de aula. Destaca-se que apenas 10,8% dos alunos do 9º responderam corretamente à questão, sugerindo que, talvez, a abordagem da temática no ano anterior (8º ano) não tenha sido feita de maneira significativa para os sujeitos desta pesquisa.

4.2 Questão 2

Na segunda pergunta, “*Você tem dúvidas sobre assuntos relativos ao tema Sexualidade?*” os alunos tinham as seguintes opções de respostas: “sim”, “não” e “mais ou menos”, conforme resultados apresentados na tabela 2.

Tabela 2 – Porcentagem de sujeitos que responderam à questão 2, “*Você tem dúvidas sobre assuntos relativos ao tema Sexualidade?*”

Questão 2	Geral	Ano		Sexo	
		7°	9°	F	M
Sim	39,3 %	39,1 %	40,5 %	38,3 %	39,3 %
Não	18,7 %	20,9 %	16,2 %	18,5 %	20,2 %
Mais ou menos	42 %	40 %	43,3 %	42,2 %	40,5 %

Fonte: autor (2017)

Percebe-se que os alunos têm dúvidas relativas ao tema da sexualidade, pois a opção mais marcada foi “mais ou menos” e “sim”, totalizando 81,3%. Para Horta (2004) a adolescência é marcada por tabus e preconceitos em relação a sexualidade, que na maioria do tempo são revelados na escola, através de brincadeiras vexatórias e deboches. Tais ações estimulam a introspecção dos alunos, que tem vergonha e medo de perguntar suas dúvidas.

Este dado conversa com o da primeira questão, na qual os alunos tiveram grande dificuldade de identificar o que é sexualidade, tema que apesar de ser abordado na formação de professores, parece segundo o presente trabalho e de outros autores citados, ainda obscuro no cotidiano escolar.

4.3 Questão 3

Nessa questão investigou-se “*Com quem você consegue falar sobre Sexualidade com liberdade ou confiança?*”. Como alternativas, os educandos poderiam marcar as seguintes opções: pais, amigos; irmãos; professor e ninguém. Na tabela 3 visualiza-se os resultados.

Tabela 3 – Porcentagem de sujeitos que responderam a questão 3, “Com quem você consegue falar sobre Sexualidade com liberdade ou confiança?”

Questão 3	Geral	Ano		Sexo	
		7°	9°	F	M
Pais	30,9 %	27,1 %	20 %	34,5 %	20 %
Amigos	44,5 %	44,4 %	54 %	38,6 %	52,4 %
Irmãos	6,4 %	2,4 %	2 %	2,4 %	1,3 %
Professor	0,6 %	1,2 %	0	0	1,3 %
Ninguém	27,5 %	24,9 %	24 %	24,5 %	25 %

Fonte: autor (2017)

Nesta questão os alunos responderam mais de uma opção, mas a que mais se sobressaiu foi que no geral eles tiram as suas dúvidas e tem mais liberdade em falar com seus amigos, no relativo ao ano de estudo e na categoria sexo, os amigos também são mais citados.

Observou-se que os pais foram citados em segundo, tanto no geral como no 7° anos e na categoria sexo o feminino ficou com o percentual em torno de (34 %), ficando claro que as estudantes buscam a experiência dos pais para tirarem as suas dúvidas sobre o assunto, esta relação de confiança do adolescente é extremamente importante.

O diálogo dos pais com seus filhos é considerado uma tática para melhorar o processo de comunicação e confiança entre o adolescente e a família (ALMEIDA; CENTA, 2009). Como resultado semelhante o estudo de Amorim e Freitas (2013), onde os mesmos também encontraram que os adolescentes se sentem mais à vontade em falar sobre o tema com amigos e familiares, neste estudo especificamente com as mães.

A opção que obteve o menor resultado, o professor, chama atenção pois ele geralmente está incumbido na escola em falar sobre este tema com os alunos. Este fato pode estar relacionado com o despreparo para tratar o tema. Conforme Novak (2013) muitos professores sentem-se constrangidos em abordar o assunto, até, pela Educação Sexual que tiveram ou muitas vezes por uma repressão sexual recebida pelos pais. Para educar é preciso que o educador esteja preparado para tal tarefa e para enfrentar toda e qualquer tipo de situação e carece de ter sensibilidade e

habilidade, exigindo dele constante aprendizado, atualização e reciclagem (ALMEIDA *et al*, 2013).

Notou-se no geral que 27,5% não conversa sobre sexualidade com ninguém, o que não é uma surpresa pois boa parte da sociedade ainda enxerga o assunto como um tabu. Como salienta Rocha (2013) as inibições, os tabus e os preconceitos sociais permanecem intrincados e o sentimento de culpa, de pecado, de que é proibido, feio e sujo, ainda é transmitido para o adolescente.

4.4 Questão 4

Esta questão investigou “*Quem que você gostaria que tirasse suas dúvidas sobre Sexualidade na escola?*”. As alternativas: professor; palestrante na área de saúde; direção da escola; outra.

Na categoria geral observou-se que 54,5% dos alunos optou pelo palestrante de saúde e no ano de estudo o 7º, com 50% e o 9º, com 59,4% e na categoria sexo o feminino com 64,4% e o sexo masculino com 58,1%, ficando então a palestrante na área de saúde como a alternativa mais marcada em todas as categorias. Na tabela 4 vislumbra-se o resultado para a questão quatro.

Tabela 4 – Resultado das respostas para a questão quatro. “*Quem que você gostaria que tirasse suas dúvidas sobre Sexualidade na escola?*”.

Questão 4	Geral	Ano		Sexo	
		7º	9º	F	M
Professor	36 %	39 %	32,4 %	30,8 %	27 %
Palestrante	54,5 %	50 %	59,4 %	64,4	58,1 %
Direção	1,2 %	1,2 %	1,2 %	2,4 %	0 %
Outra	8,3 %	9,8 %	7 %	2,4 %	14,9 %

Fonte: autor (2017)

Pode-se verificar que o palestrante de saúde foi escolhido pelos alunos para tirar as suas dúvidas sobre sexualidade na escola, como também foi sugerida por eles que uma sexóloga ou um médico poderia sanar seus anseios. Quando o professor chama um palestrante na área da saúde ele tem que estar consciente que as palestras por serem esporádicas e desprovidas de continuidade, mesmo que possam ter um impacto imediato, raramente modificam atitudes e nem sempre o aluno tem confiança

em fazer perguntas pertinentes para esclarecer as suas dúvidas. Conforme Jardim (2006) cabe ao professor a tarefa de buscar a solução das dúvidas que seus alunos apresentam e de uma forma clara, sem tentar fugir das respostas aos questionamentos quando estes são colocados por seus alunos, procurando manter uma postura informativa, de modo a esclarecer e orientar os alunos com confiança.

O ensinar sobre sexualidade não depende somente dos professores, mas também da equipe escolar em conjunto. Todos que fazem parte do ambiente escolar precisam trabalhar juntos e estarem preparados para falar sobre o assunto, para isto é necessário que haja estudo antes, que a escola tenha um momento de reflexão sobre sexualidade e um bom projeto sobre educação sexual (CASTRO, 2009).

A escola, portanto, tem um papel efetivo, pois de acordo com Nunes (2000) é um espaço marcante para a vida de crianças e adolescentes independente das concepções político-educacionais. É neste local que ocorrem aprendizagens diferenciadas tanto as formais e as informais. Mas segundo esta pesquisa, os alunos não apresentam confiança em falar sobre esses temas com a equipe escolar, diminuindo ainda mais a distância entre alunos e escola, tornando ainda mais difícil a questão ser abordada. A próxima questão aborda exatamente este embate.

4.5 Questão 5

A pergunta da questão cinco: *“Você se sente confortável em debater este tema em sala de aula?”* Com as opções: sim; não e mais ou menos.

Nesta questão infere-se que os alunos se sentem (meio) constrangidos em abordar este tema em sala de aula, pois no geral (41,9%) marcaram a opção mais ou menos, acompanhado do ano de estudo com (43,3%) no 7º ano e 40,5 % e na do sexo feminino com (44,1%), já o 9º ano se sente confortável em abordar o assunto com (40,5%) de respostas sim, bem como os meninos com (41,9%). Na tabela 5 encontram-se os resultados para a questão cinco.

Tabela 5 – Relativa a pergunta: “*Você se sente confortável em debater este tema em sala de aula?*”

Questão 5	Geral	Ano		Sexo	
		7°	9°	F	M
Sim	33%	27,1%	39,3%	31,9%	41,9%
Não	25,1%	29,6%	20,2%	24%	23%
Mais ou menos	41,9%	43,3%	40,5%	35,1%	35,1%

Fonte: autor (2017)

Na referida pergunta notou-se que a alternativa mais marcada foi “mais ou menos” o que nos mostra que os alunos não se sentem inibidos em debater este assunto em sala de aula, já que a opção “não” foi a alternativa com o menor número marcado pelos educandos e a alternativa “sim” foi a mais marcada no nono ano e no sexo masculino, a idade é outro fator que colabora para sentirem-se mais confiantes em falar sobre o assunto, já que no nono ano os alunos já são mais velhos entre (14 a 17 anos).

Constatou-se que as meninas ainda sentem-se inibidas para tratarem este tema livremente em sala de aula, talvez este resultado esteja vinculado ao fato das mesmas serem educadas com maior rigor, nesse sentido, Sousa et al. (2006) alegam que o tabu sobre a sexualidade aparece mais acentuado no contexto familiar das adolescentes, assim, nota-se que os pais geralmente são mais rígidos com as meninas, uma vez que existe o temor de uma gravidez precoce, além da presença de questões culturais.

Um dos maiores motivos pelos quais é complexo conversar abertamente sobre a sexualidade é o fato de que esse tema é cercado por uma grande carga emocional e por vários preconceitos, mitos e tabus (PREDEBON, 2002).

Vindo de encontro com a questão anterior, os alunos querem conversar sobre sexualidade dentro da escola, mas ainda não se sentem à vontade em ter essa conversa com o professor.

4.6 Questão 6¹

¹ KAUFMANN, L. LUZ, F. A. Investigando os Interesses e Dúvidas de Alunos do Ensino Fundamental de Dom Pedrito sobre Sexualidade. In: IV Seminário Corpos, Gêneros, Sexualidades e Relações Étnico-Raciais na Educação. 2017, Uruguaiana. **E-book**. Uruguaiana: UNIPAMPA, 2017. No prelo.

Já na sexta pergunta, de múltipla escolha: “O que você gostaria de discutir em sala de aula sobre o tema sexualidade?”. Marcavam uma das 15 alternativas, são elas: menstruação, gravidez, virgindade, masturbação, abuso sexual, aborto, namoro, amor, relações sexuais, formas de evitar uma gravidez, funcionamento do aparelho reprodutor, doenças sexualmente transmissíveis, formas de evitar as DST, adolescência (mudanças no corpo), orientação sexual (homossexualidade e transexualidade) e outros. Os dados mencionados acima podem ser observados na Tabela 6.

Tabela 6 – Porcentagem de sujeitos que responderam cada opção. Separados por ano e também por sexo, além dos valores gerais.

Assuntos	Geral	Ano		Sexo	
		7º	9º	F	M
Menstruação	5,1	5,9	4,2	6,4	3,7
Gravidez	7	7,4	6,6	8	5,8
Virgindade	7	8,2	6	7,6	6,5
Masturbação	3,5	3,1	3,8	2,6	4,4
Abuso Sexual	6	5,2	6,8	6,6	5,5
Aborto	6,1	5,4	6,8	6	6,4
Namoro	9,2	10,7	8	8,6	10
Amor	5,3	5,4	5,4	5,6	5
Relações Sexuais	8	7,3	8,4	7,6	8,2
Formas de Evitar a Gravidez	9	8,4	9,4	8,2	9,8
Funcionamento do Sistema Reprodutor	5	5,3	5,2	5	5
DST	8	7,3	8	7,6	8,2
Evitar DST	7	6,5	7,4	7	7
Orientação Sexual (homossexualidade e transexualidade)	4,5	4	5,2	4,8	4,3
Adolescência (mudança no corpo)	9,3	9,8	8,8	8,4	10,2

■ Temas mais assinalados ■ Temas menos assinalados

Fonte: autor (2017)

Também se observou as médias de quantas alternativas cada aluno marcou na questão os meninos dos sétimos anos assinalaram 6 tópicos em média enquanto as meninas marcaram 5,3 alternativas, já os alunos do sexo masculino do 9ºano 6,8 enquanto as do sexo feminino marcaram 6,2. Lembrando que eles poderiam marcar até 15 alternativas. Se considerarmos que quanto mais alternativas são marcadas, maior o interesse dos alunos sobre os temas da sexualidade. Podemos perceber que o sexo masculino do nono ano (que já deveriam ter tido aula sobre o tema) foram aqueles que demonstraram mais curiosidade sobre o assunto.

A partir dos resultados apresentados na tabela acima, percebe-se que a adolescência foi uma das opções mais assinaladas pelos participantes em todas as categorias. Tanto na avaliação geral, como na categoria Ano de estudo e sexo, o tema adolescência foi elencado com bastante expressividade. Entende-se que esse interesse é devido os alunos estarem vivenciando esta fase, pois é nela que ocorrem grandes mudanças, como o crescimento rápido, surgimento das características sexuais secundárias, conscientização da sexualidade, estruturação da personalidade e a integração sexual. Segundo Eisenstein (2005) e Tiba (1997), este é o período de transição entre a infância e a vida adulta, caracterizado pelos impulsos do desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social e pelos esforços do indivíduo em alcançar os objetivos relacionados às expectativas culturais da sociedade em que vive.

Na Tabela 6, pode-se constatar ainda que, do mesmo modo, o assunto relativo às “formas de evitar a gravidez” também desperta a curiosidade dos estudantes em todas as categorias analisadas durante a pesquisa. No que tange a esse tema, foram encontrados padrões divergentes da literatura. A contracepção é uma preocupação geralmente atribuída ao sexo feminino (Brandão & Heilborn, 2006), neste quesito ficou claro que os meninos também têm dúvidas sobre esta temática, e desejam ter mais informações sobre o assunto em sala de aula.

Apesar deste tema estar imbricado nos Temas Transversais prescritos pelos PCN (1998), geralmente, não são abordados pelos professores na rotina escolar, sendo tratados apenas com um viés restritamente biológico (SOLDATTELI, 2006), com ênfase nos Sistemas Reprodutores. Ainda conforme o documento supracitado, as formas contraceptivas deveriam ser aprofundadas e tratados com mais atenção em todas as componentes curriculares.

O namoro foi outro tema que teve destaque nas respostas, semelhantemente ao resultado obtido pelo estudo realizado por Barreto (2009), em que os estudantes pesquisados indicaram o referido assunto como o de maior interesse entre outros 12 temas. No presente estudo, os dados demonstram que apenas os alunos do 9º ano não têm interesse na temática, e preferem ter mais informações acerca das Relações Sexuais, isso pode estar relacionado com a idade mais avançada destes sujeitos, e já terem passado pela fase inicial de namoro.

Na perspectiva de Justo (2005) o namoro dos dias de hoje é uma etapa de relacionamento posterior ao ficar e, se considerado uma relação estável, traz ao jovem o conflito entre a promessa de segurança, fidelidade, confiabilidade, durabilidade, bem como a de independência, autonomia e realização. Infere-se, portanto, que o momento do namoro, pode e deve ser um período de crescimento e desenvolvimento afetivos, visto que, diante da descoberta do amor, tanto os sentimentos como as emoções ainda não estão sob controle.

A partir dos resultados apresentados pela Tabela 6, verificou-se o tema com menor indicação de interesse dos alunos foi a Masturbação. Este assunto obteve a menor média tanto no geral, como no 7º ano, e na categoria sexo, não atingindo sequer nem 4% das respostas. Como assinala Sayão (1997), a masturbação é um tema considerado tabu, haja visto que, desde meados da década de 20, as escolas reprimiam esse tipo de comportamento, considerando-o como um ato proibido.

Com base em tais constatações, infere-se que a temática em questão ainda não é abordada com naturalidade, pois carrega traços de proibições e repúdio de épocas anteriores. Nesse sentido, entende-se que o resultado pode estar vinculado ao preconceito gerado pelo tema, e ainda pode estar relacionado à falta de conhecimento sobre o real conceito de Masturbação. A masturbação é uma forma de autoconhecimento do corpo, faz parte do desenvolvimento sexual, não faz mal para a saúde e pode ser realizada sempre que a pessoas se sentir à vontade para fazê-la. (FOUCAULT, 1988)

Quanto ao segundo tema menos elencado pelos alunos, destaca-se a Orientação Sexual (homossexualidade e transexualidade). Evidenciou-se que o referido tema não desperta o interesse dos alunos, tanto em relação à categoria Ano de estudo, como no referente ao sexo dos pesquisados. Dado evidenciado, principalmente, em relação à turma do 7º ano, em que a média das indicações foi a menor entre as demais categorias. Tal resultado comprova o ponto de vista de

Foucault (1993), o qual afirma a existência de um contexto histórico intrínseco na concepção sócio - cultural da sociedade, e por sua vez, no posicionamento dos alunos. Assim sendo, percebe-se que há forte repressão acerca dos fatores que envolvem a orientação sexual como um todo, e talvez por isso ainda haja resistência por parte dos alunos em versar sobre a essa temática. Este resultado vai de encontro no trabalho de Barretto (2009), onde o mesmo tema foi o menos assinalado pelos meninos, e um dos menos assinalados pelas meninas.

A partir dos dados obtidos, verificou-se que o terceiro tema de menor interesse dos alunos foi a Menstruação, especialmente, os da turma de 9º ano e do sexo masculino.

Entende-se que tal posicionamento está associado à faixa etária da turma, uma vez que, naturalmente, as meninas já menstruaram, e os meninos não demonstram interesse no assunto já que é um tema que faz parte apenas da natureza feminina (PATTON, 2002).

Esses resultados chamam a atenção para que esses assuntos sejam incluídos na abordagem da educação sexual de forma diferenciada, pois a pouca manifestação de interesse pode estar relacionada não a falta de curiosidade, mas por considerarem estes temas um tabu.

4.7 Questão 7

Na questão sete: *“Como você ficou sabendo pela primeira vez sobre algum dos assuntos da pergunta anterior?”*

A resposta composta por 4 opções, sendo elas: Escola; Televisão; Internet e Amigos. No geral percebeu-se que o resultado mais expressivo sobre onde procuram informações, foi a internet, isto também se confirma no 9º ano e no sexo masculino, já o 7º ano satisfaz a sua curiosidade na TV, sendo o resultado acompanhado pelo sexo feminino também nessa alternativa. Na tabela seis denota-se este resultado para a questão sete.

Tabela 7 – Porcentagem de respostas relativas a questão 7 “Como você ficou sabendo pela primeira vez sobre algum dos assuntos da pergunta anterior.”

Questão 7	Geral	Ano		Sexo	
		7°	9°	F	M
Escola	14,2 %	11,1 %	17,5 %	15,3%	12,1 %
Televisão	35,2 %	44,4 %	25,6 %	43,2 %	27 %
Internet	41 %	39,5 %	40,9 %	37,8 %	44,7 %
Amigos	9,6 %	5 %	16 %	3,7 %	16,2 %

Fonte: autor (2017)

Analisando os resultados obtidos, percebeu-se uma diferença em relação a questão três, onde os amigos foram os mais citados na hora de conversar livremente sobre sexualidade, mas quando foram buscar a primeira vez informações sobre as suas dúvidas e anseios sobre sexualidade, a internet foi o meio mais expressivo nas respostas, sabemos que hoje o adolescente tem acesso rápido nesse meio de comunicação, e o celular está presente no seu dia a dia, possibilitando assim informações sobre variados temas, inclusive sobre a sexualidade conforme Silva, (2013) a quantidade de informações que a internet divulga de fontes nem sempre confiáveis, é enorme. Cabe ressaltar que ao mesmo tempo em que alguns sites informam, tiram dúvidas, podem também influenciar de forma negativa, considerando-se a imaturidade dos adolescentes para distinguir o certo do errado, ela torna-se perigosa para esta fase se não utilizada corretamente. Entretanto, essa não é a melhor forma de adquirir conhecimento, pois muitas vezes, essas informações não têm o caráter científico.

Já a outra opção que apareceu em destaque na busca por informações foi a televisão, atualmente a sexualidade está exposta abertamente, neste meio de comunicação, como, por exemplo, nas novelas que consideram tudo normal, como: o ficar com vários garotos e garotas; a gravidez precoce. O maior problema segundo Santos (2009) é que a mídia manobra o adolescente, mas não o prepara para as consequências dos seus atos, ao mesmo tempo exercem influência positiva e negativa, gerando alterações no comportamento desses adolescentes.

Na internet a situação não é diferente, multiplicando-se a gravidade pela questão da falta de ferramentas ou filtros para censura. É importante que os pais

saibam o que o filho vê na televisão ou o que estão acessando na internet, para assim protegerem seus filhos (NOVAK, 2013).

Notou-se que a escola ficou com o menor percentual na procura de informações, sendo que é nesse espaço que o adolescente passa um grande tempo e deveria ser onde o aluno pudesse sanar as suas dúvidas e ser corretamente informado sobre este assunto, o saber que a escola transmite sobre sexualidade é vindo das ciências biológicas em que se dá a conhecer como um conhecimento científico, conforme Silva, (2009) é na escola que os adolescentes aprendem valores, noções diversas e se posicionam sobre questões centrais como o comportamento sexual. A partir disso podemos assegurar que a escola ocupa um lugar importante na vida de adolescentes, garantindo acesso a informações sobre temas ligados à sexualidade, entre outros.

A escola ter sido pouco escolhida pelos alunos do 9º ano pode representar que as aulas sobre sexualidade não vêm sanando as suas dúvidas pelos assuntos, provavelmente muito se deve ao já citado anteriormente em que este assunto muitas vezes está ligado apenas a anatomia e fisiologia dos aparelhos reprodutivos.

4.8 Questão 8

Na questão oito a pergunta era: “*Você já teve aula sobre estes assuntos (pergunta 6) com seu professor?*” Pelo percentual de respostas relativas a esta questão ficando o geral com o resultado em torno de 59 % e os que já tiveram aula sobre o assunto com a margem de 40%. A tabela 8 demonstra, em porcentagem as referidas respostas.

Tabela 8 – Respostas referentes a questão 8.

Questão 8	Geral	Ano		Sexo	
		7º	9º	F	M
Sim	41,2 %	23,4 %	60,8 %	35,1 %	46,9 %
Não	58,8 %	76,6 %	39,2 %	64,9 %	53,1 %

Fonte: autor (2017)

O índice de respostas relativas a categoria ano de estudo confirma que o 7º ano ainda não teve aulas com o tema supracitado, sendo que o percentual ficou com 76,6% de respostas na alternativa não. Logo no 9º ano pela grade curricular o mesmo já deveria ter tido aula sobre o tema e somente 60,8% marcaram a alternativa sim e 39,2% que não, mas na categoria sexo tanto o masculino e o feminino marcaram que não foi abordado o assunto em sala de aula.

Essas respostas podem indicar que a maioria dos professores não falam sobre sexualidade, em sala de aula o que leva a pensar se os mesmos estão realmente preparados para discorrerem sobre o tema? Isto pode estar relacionado por tratar-se de um assunto permeado de tabus e preconceitos e os levam a ficarem embaraçados e assim impedindo que a educação sexual se desenvolva efetivamente no espaço escolar (SAYÃO, 1997). Ressalta-se a necessidade de um trabalho de capacitação docente que possibilite o diálogo e a desmistificação do tema em prol de uma maior abertura para a abordagem das questões referentes à sexualidade no cotidiano escolar (BOMFIM, 2009).

4.9 Questão 9

Na questão final foi solicitado para que os alunos quantificassem de 1 a 10 “*qual a importância de se falar sobre sexualidade em sala de aula?*”, e justificar o porquê da nota. A mesma foi analisada através de cinco categorias, sendo elas: Pouco relevante (nota: 1 a 4); Relevante (nota: 5 a 7); Muito relevante (nota: 8 a 10); Irrelevante (não responderam); e Respondeu sem nota, conforme visualiza-se na tabela 9.

Tabela 9 – Categorização utilizada na análise sobre a questão 9.

CATEGORIAS	Geral	Ano		Sexo	
		7º	9º	M	F
Pouco relevante (Nota: 1 a 4)	3,8%	0	8,1%	2,4%	4,9%
Relevante (Nota 5 a 7)	12,2%	4%	18,7%	10%	11,1%
Muito relevante (Nota 8 a 10)	50,4%	48%	52,7%	45,5%	57,9%
Irrelevante (Não respondeu)	23,9%	37%	9,4%	36%	10%
Respondeu sem nota	9,7%	11%	11,1%	6,1%	16,1%

Fonte: autor (2017)

A categoria mais significativa foi “Muito relevante” com média geral de 50,4%. Tal resultado sinaliza que os educandos possuem curiosidade sobre a temática. Essa constatação confirma-se na questão 6, onde marcaram várias alternativas sobre o que desejam aprender no ambiente escolar sobre sexualidade. A seguir são apresentados alguns trechos das respostas dos alunos, (foram transcritas *ipsis litteris* tal como o original), que deram nota de 8 a 10 para a relevância da temática:

A59 – “[...] é muito importante nós adolescentes estarmos cientes do que pode acontecer em algumas dessas situações”.

A82 – “é muito importante orientar os adolescentes sobre este tipo de assunto pois muito não tem e acabam engravidando muito cedo e pegando doenças sexualmente transmissíveis e nas mudanças do corpo podem ficar até deprimidas pelas mudanças”.

A97 – “sexualidade é importante falar sim, e é um assunto comum, e porque são coisas que todos passam e as pessoas tem que saber mais sobre o assunto”.

A77 – “eu acho que é importante falar sobre estes assuntos na escola para prevenir muita gente que não sabe das coisas e fazem coisas erradas”.

A57 – “porque tem alunos que não tem liberdade de falar sobre isso em casa”.

A09 – “porque hoje em dia tem criança tendo crianças e conversar sobre essas coisas pode ajudar a evitar, né?”.

Percebe-se nos relatos dos alunos que suas justificativas são alicerçadas no sentido de direcionamento, revelação, orientação do que pode – ou não acontecer. O aluno 59, por exemplo, argumenta que se fosse abordada a temática da sexualidade, talvez, muitos adolescentes se preveniriam de doenças sexualmente transmissíveis e também não engravidassem precocemente. Por outro lado, este mesmo aluno revela que, muitas vezes, o assunto é tratado como um tabu no âmbito familiar, o que reforça a importância da temática ser trabalhada na sala de aula.

As respostas distribuídas na categoria “Relevante” obtiveram média geral 12,2% e nota de 5 a 7. Conforme justificadas a seguir:

A29 – “para evitar de pegar doenças sexualmente transmissíveis pelo sexo”.

A31 – “porque vc vai fazer isso uma hora e precisa saber para não pegar doença e fazer filhos, porque ai não tem como criar porque não tem condição”.

A53 – “porque nos falta informações e eu quero saber”.

Percebeu-se que, mesmo não tendo atribuído uma nota muito alta, os educandos reconhecem a importância de estudar a temática. Os alunos 29 e 31 justificaram que é um meio de aprender como evitar a gravidez e se prevenir de DST.

Em contrapartida, a segunda categoria mais evidenciada foi “Irrelevante” com média geral de 23,9% atribuída aqueles que deram nota de 1 a 4 a importância da temática, conforme relatos a seguir:

A80 – “minha nota é 2, para algumas é importante para mim é ‘tanto faz’”.

A47 – “4 porque acho que não seria tão necessário pois se aprende em qualquer lugar este assunto”.

A48 – “2 porque é um assunto que tem que se tratado com pessoas que tu tenha intimidade ou que tu confie e nem sempre é o que acontece na sala de aula”.

A123 – “3, é muito importante conversar com os pais e ter a confiança deles e não na escola”.

A10 – “4, porque não me sinto confortável”.

A101 – “minha nota é 1 porque é os pais quem tem que ensina”.

Percebe-se que estes alunos, diferentemente dos que consideram o assunto muito relevante, acreditam que a sexualidade deve ser trabalhada em casa – com os pais – por ser um ambiente que traz mais intimidade. Essa resposta vai ao encontro da questão 03, na qual, mais de 30% dos estudantes assumiram ter confiança nos pais para tirar as dúvidas.

Contudo, percebe-se que em alguns relatos (10, 47, 80 e 101) os alunos sentiram-se indiferentes e apáticos com a temática, o que pode levar a informações erradas e inexpressivas. Por exemplo, o aluno 47 ao afirmar que a temática pode ser aprendida em qualquer lugar, pode ser influenciado por meios de comunicações duvidosos e pessoas mal-intencionadas ou sem conhecimento científico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados obtidos entende-se que a escola tem que informar os alunos para que possam aumentar o seu conhecimento sobre sexualidade pois, geralmente, as informações que os jovens têm sobre a mesma costumam compor aos aspectos relativos à reprodução humana ou prevenção de doenças mostrando assim uma visão simplista sobre os aspectos da própria sexualidade e do outro.

Ressalta-se que a partir dessa pesquisa foi possível compreender os temas sobre sexualidade que os alunos gostariam que fosse abordado dentro da sala de aula, bem como, identificar quais assuntos e conceitos possuem maiores dúvidas e curiosidades. Sendo assim, concluímos nosso objetivo geral, que foi “compreender como os alunos gostariam que o tema sexualidade fosse abordado dentro da escola”.

Quanto as hipóteses, percebe-se que os alunos envolvidos na pesquisa, em sua maioria não sabe com exatidão o que é sexualidade, pois 43,2% não responderam, 28,4% aliaram sexualidade ao ato carnal e 11,6% resumiram-na às diferenças morfológicas entre homens e mulheres (masculino e feminino) ou a orientação sexual e de gênero. Tal constatação, confirma a hipótese I que anuncia que “possivelmente os educandos não possuem um entendimento correto sobre o conceito de sexualidade, confundindo-a ou resumindo-a ao ato sexual ou as questões de gênero”. Evidencia-se também que o tema não é abordado em sala de aula – e se em algum momento já foi – aconteceu de forma superficial, sem ser significativo para os alunos. Tal constatação comprova-se pelo fato de apenas 10,8% dos alunos do 9º ano terem conceituado sexualidade de maneira correta.

Confirma-se parcialmente a hipótese 02, que anunciava que “*os alunos, possivelmente, irão elencar as relações sexuais, virgindade e namoro como os principais temas a serem trabalhados em sala de aula, pois é na adolescência que se inicia a descoberta sexual*”, Entende-se que esse interesse é devido os alunos estar vivenciando essa fase, pois é nela que ocorre grandes mudanças, tais como: surgimento das características sexuais secundárias, conscientização da sexualidade e estruturação da personalidade. Confirma-se parcialmente pois de uma maneira geral os assuntos mais elencados foram: Adolescência, namoro e formas de evitar a gravidez.

Confirma-se parcialmente a hipótese 03 que anunciava que “por ser uma mídia de fácil acesso, a internet é o principal meio pelo qual os educandos tiram as dúvidas

relacionadas a sexualidade”, que 44,7% dos meninos ficou sabendo pela primeira vez sobre algum tema relacionado a sexualidade através da internet, enquanto, 43,2% das meninas através da televisão o que demarca a presença da tecnologia como um fator influenciador, não só da sexualidade, mas também de outras questões sociais.

Conclui-se que a partir da existência de dúvidas e do interesse demonstrado, faz-se necessária uma intervenção focada nas demandas dos alunos e preocupada em uma abordagem de informações simples e amplas promovendo uma Educação Sexual apropriada.

De tal modo, percebe-se que os trabalhos educacionais em sexualidade precisam ser contínuos, estruturados, visto que orientam e esclarecem os educandos em relação a um tema que é pouco discutido de modo claro e sem preconceitos, além de ser um assunto de extrema importância para os adolescentes, em virtude das inconstâncias da fase da vida que estão atravessando.

É preciso que todos os profissionais envolvidos com a educação tenham um novo olhar sobre a questão da sexualidade, buscando meios para quebrar antigos tabus e preconceitos.

Os professores devem ter acesso a condições de ampliar seu conhecimento, através de programas de atualização e capacitação direcionadas a sexualidade. Podendo, de tal modo, ajudar os alunos a obter informações, para que possam fazer as melhores escolhas como indivíduos na busca do amor, fraternidade, responsabilidade, saúde como um todo.

Ainda quanto ao professor, é imprescindível manter uma relação de confiança com o aluno, para que exista uma troca, tanto na aquisição e transmissão dos saberes relacionados a sexualidade

Acredita-se ainda, que este estudo serve como base para novas perspectivas de trabalho, bem como um estudo mais aprofundado das questões que foram problematizadas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. C. C. H.; CENTA, M. L. **A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem.** Acta. Paul. Enferm. São Paulo, v. 22, n. 1, p. 71-76, 2009.
- ALMEIDA, D. A.; COSTA, R.L.; SILVA, T. M. **Chega de tabu!** A sexualidade sem medos e sem cortes. 2005. Disponível em: <
www.unesp.br/prograd/PDFNE2005/artigos/capitulo%201/chegadetabu.pdf> Acesso em: set. 2017.
- AMARAL, V. L. do. **Psicologia da educação: Sexualidade.** Natal: EDUFRN, 2007.
- AMORIM, A. M. M.; FREITAS, L. M. Que temas sobre sexualidade mais interessam aos jovens e adultos? Análise em uma escola parceira do PIBID/UFPA. In: IX ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 9. ed. 2013, São Paulo, **Atas do IX ENPEC.** Águas de Lindóia: ABRAPEC, 2013. Disponível em: <
<http://www.nutes.ufjf.br/abrapec/ixenpec/atas/resumos/R0679-1.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2017.
- AMORIM, M. R.; MAIA, C.B.A. Sexualidade na adolescência: dúvidas de alunos de uma escola pública. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação.** Araraquara, v. 7, n. 4, p. 95-106, 2012.
- AZEVEDO, M. A. **Educação sexual, uma proposta, um desafio.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 1988.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2004.
- BARRETO M. I. **O que adolescentes de uma escola municipal de Aracaju querem ou não saber sobre sexualidade.** In: VII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS. 7. ed. 2009, Florianópolis, **Atas do VII ENPEC.** Florianópolis: ABRAPEC, 2009. Disponível em: <
<http://posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viienpec/pdfs/1015.pdf>>.
- BOMFIM, S. S. **Orientação sexual na escola: tabus e preconceitos, um desafio para a gestão.** Monografia [Pedagogia], Universidade do Estado da Bahia, Salvador: 2009.
- BRANDÃO, E. R.; HEILBORN, M. L. (2006). Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro. **Cadernos de Saúde Pública Brasil**, v. 22. p. 1421-1430, jul. 2006.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 146 p.
- _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 164p.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: apresentação dos temas transversais – terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 436 p.

CARDOSO, NMB. Psicologia e relações de gênero: a socialização do gênero feminino e suas implicações na violência conjugal em relação às mulheres. In: ZANELLA, AV., *et al.*, (org). **Psicologia e práticas sociais**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 260-272.

CARVALHO, I. S. *et al.* A sexualidade em livros didáticos de ciências do 8º ano do ensino fundamental: uma abordagem satisfatória? **Adolescência e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 29-36, jul./set. 2012.

CASTRO, F. F. **Dúvidas e dificuldades de educadores sociais de um centro social de Maringá**. Monografia [Especialização]. Departamento de Fundamentos da Educação: Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2009.

ECOS – Comunicação em Sexualidade. **Sexo sem vergonha**: uma metodologia de trabalho com Educação Sexual. São Paulo: ECOS, 2001.

EISENSTEIN, E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Adolescência e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 6-7, abr./jun. 2005.

DUARTE, R. G. **Sexo, sexualidade e doenças sexualmente transmissíveis**. São Paulo: Moderna, 1995.

FERREIRA, A. B. de H. **Mini Aurélio do século XXI**: o minidicionário da língua portuguesa. 5. ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Friburgo, 2001.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual**: retomando uma proposta, um desafio. 2 ed. Londrina: UEL, 2001.

_____. A produção teórica no Brasil sobre educação sexual. **Caderno de Pesquisa**. São Paulo, n. 98, p. 50-63, ago. 1996.

_____. **Formação de Educadores Sexuais**: Adiar não é mais possível. Londrina: EDUEL, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

GAGLIOTTO, M. G.; PIMENTEL, G. A.; ROZA da R. Educação, sexualidade e direitos humanos: a escola em foco. In: III SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE SEXUAL E DIREITOS HUMANOS. 2004, Vitória, **Anais Eletrônicos**. Vitória: GEPS – UFES, 2014. Disponível em:
<http://www.2014.gpsexualidades.com.br/resources/anais/4/1405521629_ARQUIVO_EDUCACAO_SEXUALIDADEEDIREITOSHUMANOSAESCOLAEMFOCO.pdf>.

GARCIA, A. M. A. **Orientação Sexual na Escola: Como os professores, alunos e pais percebem a sexualidade e o papel da escola na orientação sexual.** Dissertação [Mestrado]. Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2005.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, R.; FALEIRO, H.J.; MALAFAIA, G. Educação Sexual no Contexto Familiar e Escolar: impasses e desafios. **Holos.** Rio Grande do Norte, v.5, n.29, p. 251-263, out. 2013.

GUIMARÃES, I. R. F. **Educação Sexual na escola: mito e realidade.** Campinas: Mercado de Letras, 1995.

HORTA, N. de C. Adolescentes e Sexualidade: Conhecendo Novas Possibilidades no Trabalho Educativo. In: 2º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. 2004, Belo Horizonte, **Anais.** Belo Horizonte: UFMG, 2004.

KINDEL, E. A. I. Do aquecimento global às células-tronco: sabendo ler e escrever a biologia do século XXI. In: MULLET, N. P. et al. (orgs.) **Ler e escrever: compromisso no ensino médio.** Porto Alegre: Editora da UFRGS/Núcleo de Integração Universidade & Escola, p. 91-102, 2008.

JARDIM, D.P. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira-SP. **Revista Brasileira de Enfermagem,** São Paulo, n. 59, p. 157-162, mar./abr. 2006.

JESUS, J. G. de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos.** e-book. Brasília, 2012. Disponível em: https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989. Acesso em: 14 out. 2017.

JUSTO, J. S. O ficar na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. **Revista do Departamento de Psicologia – UFF,** v. 17. n. 1, p. 61-77, jan./jun. 2005.

LEONCIO, J. M. M. A Orientação sexual nas escolas a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Educação, Gestão e Sociedade,** n.12, ano 3, nov. 2013.

MAISTRO, V.I.A.; ARRUDA, S.M.; JUNIOR, A.L. O papel do professor em um projeto de educação sexual. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 7. ed. 2009, Florianópolis. **Anais VII ENPEC,** Florianópolis: ABRAPEC, 2009.

NOVAK, E. **Dificuldades enfrentadas pelos professores ao trabalhar educação sexual com adolescentes.** Monografia [Especialização em Ensino de Ciências]. Universidade Tecnológica Federal do Paraná: Medianeira, 2013

NUNES, M.J. **A percepção do adolescente sobre sua sexualidade frente às Doenças Sexualmente transmissíveis/AIDS.** Dissertação [Mestrado]. Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2000

OLIVEIRA, M. R. A.; MORGADO, M. A. Jovens, Sexualidade e Educação: homossexualidade no espaço escolar. In: 29ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 2008, Caxambu. **Anais da 29ª Reunião Anual da ANPED**. Caxambu: ANPED, 2008. Disponível em: <<http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT23-2357--Int.pdf>> Acesso: 01 mai. 2017.

O.M.S. **Growing in Confidence**: Programming for Adolescent health and Development – Lessons from eight countries. Department of Child and Adolescent Health and Development, 2002.

PATTON, K. T.; Gary A. T. Sistema Genital. In: **Estrutura e funções do corpo humano**. 1 ed. São Paulo: Editora Manole, 2002, p. 468-472.

PIASENTIM, R. L. de A. **Sexualidade e adolescência nas 5ªs séries**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2273-8.pdf>>. Acesso em: 01 mai. 2017.

PREDEBON, J. C. Conversando sobre sexo na família com filhos adolescentes. In: WAGNER, A. (Org.). **Família em cena**: tramas, dramas e transformações. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 159-171.

ROCHA A. K.L. **O jogo pedagógico como instrumento para educação sexual de facilitadores e estudantes jovens**: análise do material “em seu lugar”. Dissertação [Mestrado]. Universidade Estadual Paulista Faculdade de Ciências e Letras: Araraquara, 2015.

ROCHA, V. D. **Adolescentes e sexualidade**. In: Repositório Centro Universitário de Brasília. Brasília: UniCeub, 2013.

SANTOS, S. E. B; **O impacto e a influência da mídia sobre a produção da subjetividade**. In: XV ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO. 2009, Maceió, **Anais do XV ENABRAPSO**. Maceió: Faculdade Integrada Tiradentes, 2009. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/447.%20o%20impacto%20e%20a%20influ%Cancia%20da%20m%C3Ddia.pdf> Acesso: 29 out. 2017

SAYÃO, Y. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, Júlio G. (org.). **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997, p.107-117.

SOLDATELLI, M. M. **Educação sexual e condições de ensino**: implicações na construção da corporeidade de alunos do ensino médio. Dissertação [Mestrado em Educação]. Rio Grande do Sul: Universidade de Passo Fundo, 2006.

SILVA. C. R. **Orientação Sexual, Possibilidade de Mudança na Escola**. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

SILVA, A. F. da.; ATAÍDE, C. de S.; ALVES, E. C. de M. A concepção dos adolescentes sobre a sexualidade: direitos sexuais de crianças e adolescentes. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA. 2013, Vitória da Conquista, **Anais V FIPEd**. Vitória da Conquista: UESB, 2013. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idi_nscrito_1565_4493f99cef556a8547583e041f221f21.pdf>. Acesso em: 18 set. 2017.

SOUSA, L. B. de; FERNANDES, J.F.P.; BARROSO, M. G. T. Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. **Acta Paul Enferm**. v.19, n.4, p. 408-413, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002006000400007&lang=pt>. Acesso em: 29 out. 2017.

TIBA, I. **Sexo e adolescência**. São Paulo: Ática, 1997.

WEREBE, M. J. G. Educação sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão? **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 36, p. 99-110, fev. 1981.

_____. **Sexualidade, Política e Educação**. São Paulo: Ed. Autores Associados, 1998.